

Julietta aproximou-se, enquanto Paulino colava o rosto aos seus cabelos prematuramente encaneados. Foi então que Cândida, amparada por Cipriana, lhes uniu as mãos, num gesto simbólico, osculando-as enternecidamente.

Foi seu derradeiro movimento no corpo exausto. Em breves minutos, as pálpebras físicas cerraram-se para sempre, enquanto os olhos espirituais se abririam entre nós, para a contemplação dos trilhos resplandecentes da Eternidade.

VII

PROCESSO REDENTOR

Retirando-nos do hospital, em a noite que precedeu à desencarnação de Cândida, o Assistente observou:

— Não temos tempo a perder.

Efetivamente, o trabalho de socorro à prezada enferma absorvera-nos algumas horas.

— Nossa esforço — continuou o prestimoso amigo — tem por especial escopo impedir a consumação dos processos tendentes à loucura. A rede de amparo espiritual, neste sentido, é quase infinita. A positiva declaração de desarmonia mental constitui sempre o término de longa luta. Claro está que não incluímos aqui os casos puramente fisiológicos, mormente em se tratando da invasão da sífilis na matéria cerebral; reportamo-nos aos dramas íntimos da personalidade prisioneira da inversão, do desequilíbrio, dos fenômenos de invulção, das tragédias passionais, episódios esses que deflagram no mundo, aos milhares por semana. Nas esferas imediatas à luta do homem vulgar, onde nos achamos presentemente, são inúmeras as organizações socorristas dessa natureza. E' imprescindível amparar a mente humana na Crosta Planetária, em seus deslocamentos naturais. A vasta escola terrestre exige incessante e complexa colaboração espiritual. Indubitavelmente, a Divina Sabedoria não se descuidou da programação prévia de serviço, neste particular. Se encarregou a Ciência de superintender o desdobramento harmonioso dos fenômenos pertinentes à zona física, se incumbiu a Filosofia de acompanhar essa mesma Ciência, enriquecendo-lhe os valores intelectuais, confiou à

Religião a tarefa de velar pelo desenvolvimento da alma, propiciando-lhe abençoadas luzes para a jornada de ascensão. A crença religiosa, todavia, mormente nos últimos anos, tem-se revelado incapaz de tal cometimento: falta-lhe pessoal adequado. Enquanto a edificação científica no mundo se apresenta qual árvore gigantesca, abrigando, em seus ramos refertos de teorias e raciocínios, as inteligências encarnadas, a Religião, subdividida em numerosos setores, dá a ideia de erva raquítica, a definhar no solo. O Amor Divino, porém, não ignora os obstáculos que assoberbam os círculos da fé. Se à investigação do conhecimento basta o valor intelectual, o problema religioso demanda altas possibilidades de sentimento. A primeira requer observação e persistência; o segundo, todavia, implica vocação para a renúncia. À vista disto, colaborando com os trabalhadores decididos, inúmeras religiões de auxiliares invisíveis ao olhar humano se desdobram, em toda a parte, socorrendo os que sofrem, incentivando os que esperam firmemente no bem, melhorando sempre. Nossa esforço, portanto, em torno da mente encarnada, é extenso e múltiplo. Forçoso é convir, no entanto, que, se o programa dá motivo a preocupações, é também fonte de prazer. Experimentamos o contentamento de irmãos mais velhos, capazes de prestar auxílio aos mais novos. Indiscutivelmente, somos, em humanidade, uma só família.

Verificando-se pausa natural nos esclarecimentos de Calderaro, indaguei, curioso:

— Como se opera, entretanto, a administração de tais auxílios? Indiscriminadamente?

— Não — explicou o interpelado —, o senso de ordem preside-nos à atividade em todas as circunstâncias. Quase sempre é a força intercessória que determina os processos de ajuda. A prece, representada pelo desejo não manifestado, pelas aspirações íntimas ou pelas petições declaradas, proveniente da zona superior ou surgida do fundo vale,

onde se agitam as paixões humanas, é, a rigor, o ascendente de nossas atividades.

Dispunha-me a formular certa pergunta, oriunda de velhas concepções do separatismo religioso, quando Calderaro, percebendo-me a ponderação prestes a exprimir-se, acrescentou, calmo:

— Não aludimos, aqui, a orações ou a aspirações de correntes idealísticas determinadas: o distico não interessa. Colaboramos com o espírito eterno em sua ascensão à zona divina, aduzindo novas forças ao bem, onde ele se encontre, independentemente de fórmulas dogmáticas, ou não, com que ele se manifeste nos círculos humanos. Nossa problema não é de favoritismo, senão de espiritualidade superior, mercê da união dos valores substanciais, em favor da vida melhor.

A essa altura das lições que eu recebia em forma de palestra leveira, enquanto nos movimentávamos em serviço, atingimos residência de aspecto simples, que se distinguia pelo jardim bem cuidado, em toda a volta.

— Temos, aqui, — disse-me o instrutor — indefeso companheiro de outras épocas, reencarnado em dolorosas condições. De algumas semanas para cá, assisto-lhe a mãeinha através de passes confortantes. Em virtude da horrível estrutura orgânica do filho, a ela encadeado há muitos séculos, a razão da pobrezinha está periclitando; prendem-se mútuamente por grilhões de graves compromissos. Considerando-lhe o nobre costume da oração em horário prefixado, valemo-nos dessas ocasiões para vir-lhe em amparo.

Admirando a ordem instituída para os quefazeres de nosso plano, e que transparecia nas mínimas ações, silenciosamente acompanhei Calderaro ao interior doméstico.

Em rápidos minutos achávamo-nos em pequena câmara, onde magro doentinho repousava, choramingando. Cercavam-no duas entidades tão infeli-

zes quanto ele mesmo, pelo estranho aspecto que apresentavam. O menino enfermo inspirava piedade.

— E' paralítico de nascença, primogênito de um casal aparentemente feliz, e conta oito anos na existência nova — informou Calderaro, indicando-o —; não fala, não anda, não chega a sentar-se, psíquicamente, porém, tem a vida de um sentenciado sensível, a cumprir severa pena, lavrada, em verdade, por ele próprio. Há quase dois séculos, decretou a morte de muitos compatriotas numa insurreição civil. Valeu-se da desordem político-administrativa para vingar-se de desafetos pessoais, semeando ódio e ruínas. Viveu nas regiões inferiores, apartado da carne, inomináveis suplícios. Inúmeras vítimas já lhe perdoaram os crimes; muitas, contudo, seguiram-no, obstinadas, anos afora... A malta, outrora densa, rareou pouco a pouco, até que se reduziu aos dois últimos inimigos, hoje em processo final de transformação. Com as lutas acremente vividas, em sombrias e dantescas furnas de sofrimento, o desgraçado aprestou-se para esta fase conclusiva de resgate; conseguiu, assim, a presente reencarnação com o propósito de completar a cura efetiva, em cujo processo se encontra, faz muitos anos.

A paisagem era triste e enternecedora. O doente, de ossos enfezados e carnes quase transparentes, pela idade deveria ser uma criança bela e feliz; ali, entretanto, se achava imóvel, a emitir gritos e sons guturais, próprios da esfera sub-humana.

Com o respeito devido à dor e com a observação imposta pela Ciência, verifiquei que o pequeno paralítico mais se assemelhava a um descendente de símios aperfeiçoados.

— Sim, o espírito não retrocede em hipótese alguma, — explicou Calderaro —; todavia, as formas de manifestação podem sofrer degenerescência, de modo a facilitar os processos regenerativos. Todo mal e todo bem praticados na vida impõem

modificações em nosso quadro representativo. Nossa desventurado amigo envenenou para muito tempo os centros ativos da organização perispiritual. Cerca de inimigos e desafetos, frutos da atividade criminosa a que se consagrou voluntariamente, permanece quase embotado pelas sombras resultantes dos seus tremendos erros. No campo consciential, chora e debate-se, sob o aguilhão de reminiscências torturantes que lhe parecem intérminas; mas os sentidos, mesmo os de natureza física, mantêm-se obnubilados, à maneira de potências desequilibradas, sem rumo... Os pensamentos de revolta e de vingança, emitidos por todos aqueles aos quais deliberadamente ofendeu, vergastaram-lhe o corpo perispiritual por mais de cem anos consecutivos, como choques de desintegração da personalidade, e o infeliz, distante do acesso à zona mais alta do ser, onde situamos o "castelo das noções superiores", em vão se debateu no "campo do esforço presente", isto é, à altura da região em que localizamos as energias motoras; é que os adversários implacáveis, apegando-se a ele, através da influência direta, compeliram-lhe a mente a fixar-se nos impulsos automáticos, no império dos instintos; permitiu a Lei que assim acontecesse, naturalmente porque a conduta de nosso infortunado irmão fôr igual à do jaguar que se aproveita da força para dominar e ferir. Os abusos da razão e da autoridade constituem faltas graves ante o Eterno Governo dos nossos destinos.

O estimado Assistente fitou-me com seus olhos muito lúcidos e perguntou:

— Compreendeste?

Como desejasse ver-me suficientemente esclarecido, acrescentou:

— Espiritualmente, este pobre doente não regrediu. Mas o processo de evolução, que constitui o serviço do espírito divino, através dos milênios, efetuado para glorioso destino, foi por ele mesmo (o enfermo) espezinhado, escarnecido e retardado.

Semeou o mal, e colhe-o agora. Traçou audacioso plano de extermínio, valendo-se da autoridade que o Pai lhe conferira, concretizou o deplorável projeto e sofre-lhe as consequências naturais de modo a corrigir-se. Já passou a pior fase. Presentemente, já se afastou do maior número de inimigos, aproximando-se de amoroso coração materno, que o auxilia a refazer-se, ao término de longo curso de regeneração.

Reparando a estranha atitude dos infelizes desencarnados que o seguiam, pretendia indagar algo relativamente a eles, quando Calderaro veio ao encontro de meus desejos, continuando:

— Também os miseráveis perseguidores são duendes do ódio e da vingança, como o nosso enfermo é um remanescente do crime. São naufragos na derradeira fase de salvação, após enorme hecatombe no mar da vida, onde se perderam por muitos anos, por incapazes de usar a bússola do perdão e do bem. Aproximam-se, porém, do porto socorrista. Voltarão ao Sol da existência terrestre, por intermédio de um coração de mulher que comprehendeu com Jesus o valor do sacrifício. Em breve, André, consoante o programa redentor já delineado, ingressarão neste mesmo lar na qualidade de irmãos do antigo adversário. E quando entrelaçarem as mãos sobre ele, consumindo energias por ajudá-lo, assistidos pela ternura de abnegada mãe, amorosa e justa, beijarão o velho inimigo com imenso afeto. Transmudar-se-ão as negras algemas do ódio em alvinítentes liames de luz, nos quais resplandecerá o amor eterno. Chegado esse tempo, a força do perdão restituirá nosso doente à liberdade; largará ele, qual pássaro feliz, este mirrado corpo físico, sufocante cárcere do crime e suas consequências, onde se debateu por quase dois séculos. Até lá, importa zelar com empenho pela valorosa mulher que é essa, vestalina senhora deste lar, em quem as Forças Divinas respeitam a vocação para

o martírio, por iluminar a vida e enriquecer a obra de Deus.

Mal terminava Calderaro as elucidações, quando um dos verdugos desencarnados se moveu e tocou com a destra o cérebro do doentinho, recomendando-me o Assistente examinasse os efeitos desse contacto.

Extrema palidez e enorme angústia transpareceram no semblante do paralítico. Notei que a infeliz entidade emitia, através das mãos, estrias negras de substância semelhante ao piche, as quais atingiam o encéfalo do pequenino, acentuando-lhe as impressões de pavor.

Dirigi ao Assistente um olhar interrogativo, e Calderaro informou:

— Se o amor emite raios de luz, o ódio arremessa estiletes de treva. Nos lobos frontais recebemos os "estímulos do futuro", no córtex abrigamos as "sugestões do presente", e no sistema nervoso, propriamente dito, arquivamos as "lembranças do passado". Nossa pobre amigo está sendo "bombardeado" por energias destrutivas do ódio na região de "serviços do presente", isto é, em suas capacidades de crescimento, de realização e de trabalho nos dias que correm. Tal situação, derivante da culpa, compõe-o a descer mentalmente para a zona de "reminiscências do passado", onde o seu comportamento é inferior, raiando pela semi-inconsciência dos estados evolucionários primitivos. Esmagadora maioria dos fenômenos de alienação psíquica procedem da mente desequilibrada. Repara o cosmo orgânico.

O doentinho, da aflição, em que se mergulhara, passou às contorções, evidenciando todos os característicos da idiotia clássica. Os órgãos revelavam agora estranhos deslocamentos. O sistema endócrino patenteava indefiníveis perturbações.

Compadecido, inclinou-se o instrutor sobre o doente, e esclareceu:

— Os raios destrutivos alcançam-lhe a zona

motora, provocando a paralisação dos centros da fala, dos movimentos, da audição, da visão e do governo de todos os departamentos glandulares. Na verdade, essa dolorosa situação cronicificou-se, pela repetição desta ocorrência milhares de vezes, em quase duas centenas de anos.

Fez intervalo significativo e tornou:

— Examina a conduta do enfermo. Fixando a mente na extrema "região dos impulsos automáticos", seu padrão de comportamento é efetivamente sub-humano. Volta a viver estados primários, dos quais a individualidade já emergiu há muitos séculos. Em outros casos menos graves, a medicina atual vem utilizando a terapêutica do choque, à maneira do experimentador que investiga nas sombras, examinando efeitos e ignorando as causas. Cumpre-nos, no entanto, reconhecer que o belo esforço da psiquiatria moderna merece o maior carinho de nossas autoridades espirituais, que patrocinam os médicos diligentes e devotados, orientando-os para o bem comum, simultaneamente em diversos centros culturais; por enquanto, não podem aceitar a verdade como seria de desejar, em virtude da necessidade de guardar-se a medicina terrena em campo conservador, menos aberto aos aventureiros; todavia, mais tarde os sacerdotes da saúde humana compreenderão que o choque elétrico, ou a hipoglicemia, provocada pela invasão da insulina, constituem apelos vivos aos centros do organismo perispíritico, convocando-os ao reajusteamento e compelindo os neurônios a se readaptarem para o serviço da mente em processo regenerador. A bem dizer, é de notar que esse recurso às reservas profundas do cosmo psíquico não é novo. outrora, as vítimas da loucura eram conduzidas a poços de víboras, a fim de que a aborrível comoção operasse a transformação súbita da mente desequilibrada; é que, desde remota antiguidade, compreendeu o homem, intuitivamente, que a maioria dos casos de alienação mental decorrem da ausên-

cia voluntária ou involuntária da alma à realidade. E, em nosso campo de observação mais clara, podemos adir que todo desequilíbrio promana do afastamento da Lei.

Silenciou Calderaro por alguns instantes e, em seguida, indicou o pequeno, acentuando:

— Neste caso, porém, o choque aplicado pela ciência dos homens não surtiria vantagem alguma. Estamos perante o eclipse total da mente, pela total ausência da Lei com que se conduziu o interessado no socorro. A retificação, aqui, reclama tempo. As águas pantanosas do mal, longamente represadas no coração, não se escoam facilmente. O plano mental de cada um de nós não é vaso de conteúdo imaginário: é repositório de forças vivas, qual o veículo físico de manifestação, que nos é próprio, enquanto peregrinamos na Crosta Planetária.

— Não estamos, porém, científicamente falando — indaguei — diante de um caso típico de mongolismo?

O Assistente respondeu sem se embaraçar:

— Acompanhamos um fenômeno de desequilíbrio espiritual absoluto. Em situações rariíssimas, teremos perturbações dessa natureza com causas substancialmente fisiológicas. Impossível é desconhecer, na esfera carnal, o paralelismo psico-físico. Quem vive na Crosta Terrestre terá sempre a defrontar com a forma perecível, em primeiro lugar. Daí, não podemos excluir da patologia da alma o envoltório denso, nem menosprezar a colaboração dos fisiologistas abnegados, que atentos se dedicam às investigações da fauna microscópica, do reajusteamento das formas, do quadro dos efeitos. Não nos esqueça, contudo, que analisamos agora o domínio das causas...

O desvelado amigo parecia disposto a prosseguir, dilatando-me os conhecimentos a respeito do assunto, quando ouvimos passos de alguém que se aproximava. Certo, a dona da casa vinha ao aposento da criança, à procura do socorro da oração.

Concluiu Calderaro, apressadamente:

— Nossos companheiros da medicina humana batizam as moléstias mentais como lhes apraz, detendo-se nas questões da periferia, por distraídos dos problemas fundamentais do espírito. Relativamente aos assuntos científicos, conversaremos amanhã, quando prestaremos assistência a jovem amigo.

Nesse momento, a maezinha, que ainda não contava trinta anos, acercou-se do enfermo, sem se dar conta de nossa presença espiritual. Estacou, tristonha, de pé junto ao berço, afagando-lhe a fronte aljofrada de suor, ao termo das contorsões finais. Afastou a colcha rendada, levantou-o, cuidadosa, e abraçou-o, ungindo-o com o mais terno dos carinhos.

O menino aquietou-se.

Logo após, a genitora entrou a orar, banhada em lágrimas, afigurando-se-me um cisne da região espiritual a desferir maravilhoso cântico.

Enquanto Calderaro operava, reparando-lhe as forças nervosas em verdadeira transfusão de fluidos sadios que o dedicado colaborador transferia de si próprio, eu, de minha parte, acompanhava com vivo interesse a prece maternal.

A jovem senhora entremeava de ponderações humanas a cordial rogativa.

Porque não a ouvia o Senhor, nos Altos Céus, permitindo um milagre que restituísse o filhinho ao equilíbrio tão necessário? Casara-se, há nove anos, sonhando um jardim doméstico, repleto de rebentos felizes; entretanto, a primeira flor de suas aspirações femininas ali se encontrava irônicaamente aberta, numa facies horrível de monstruosidade e de sofrimento... Porque, interrogava súplice, nasciam crianças na Terra com a destinação de tamanha angústia? Porque o martirológio dos seres pequeninos? Em vão percorrerá gabinetes médicos e ouvirá especialistas. Sempre as mesmas decepções, os mesmos desenganos. O filhinho parecia

inacessível a qualquer tratamento. Sentia-se frágil e extenuada... E chorava, implorando a bênção divina, para que as energias lhe não faltassem na luta.

Calderaro, finda a tarefa que lhe competia, acercou-se de mim, perguntando:

— Desejas responder à rogativa, em nome da Inspiração Superior?

Oh! não! Declinei de tal convite alegando que isso me era de todo impraticável, depois de haver ouvido Irmã Cipriana renovando corações com o verbo inflamado de amor.

Objetou o orientador num gesto bondoso:

— Aqui, porém, não falaremos a corações que odeiam, e sim a torturado espírito materno, que reclama estímulo fraternal. O conhecimento e a boa vontade podem fazer muito.

Sorriu, benevolente, e acrescentou:

— Ao demais, é necessário diplomar-nos também na ciência do amor. Para isso, começemos a ser irmãos uns dos outros, com sinceridade e fiel disposição de servir.

Agradeci comovido, a deferência, mas esquivei-me. Falaria ele mesmo, Calderaro. Minha condição era a do aprendiz. Ali me encontrava por ouvir-lhe as sublimes lições.

O abnegado amigo colocou as mãos sobre os lobos frontais dela, como atraindo a mente materna para a região mais elevada do ser, e passou a irradiar-lhe tocantes apelos, como se lhe fôra desvelado pai falando ao coração. Fundamente sensibilizado, assinalava-lhe as palavras de ânimo e de consolação, que a afetuosa maezinha recebia em forma de ideias e sugestões superiores.

Notei que a disposição íntima da jovem senhora tomava pouco a pouco um renovado alento. Observei que na epífise lhe surgira suave foco de claridade irradiante e que de seus olhos começaram a brotar lágrimas diferentes. A claridade branda, fluindo do cérebro, desceu para o tórax, de onde,

então, se evolaram ténues fios de luz que a ligaram ao filhinho infeliz. Contemplou o pequeno, agora calmo, através do espesso véu de pranto e ouvi-lhe os pensamentos sublimes.

Sim, Deus não a abandonaria — meditava; dar-lhe-ia forças para cumprir até ao fim o cometimento que tomara a ombros, com a beleza do primeiro sonho e com a ventura da primeira hora. Sustentaria o desventurado rebento de sua carne, como se fora um tesouro celeste. Seu amor avultaria com os padecimentos do filhinho muito amado; seus sacrifícios de mãe seriam mais doces, toda vez que a dor o visitasse com maior intensidade. Não era ele mais digno de seu devotamento e renúncia pela aflitiva condição em que nascera? Os filhos de antigas companheiras eram formosos e inteligentes, como botões perfumados da vida, prometendo infinitas alegrias no jardim do futuro; também seu pequenino paralítico era belo, necessitando, porém, de mais blandicia e arrimo. Saberia Deus porque viera ele ao mundo, sem a faculdade da palavra e sem manifestações de inteligência. Não lhe bastaria confiar no Supremo Pai? Serviria ao Senhor sem indagar; amaria seu filho pela eternidade; morreria, se preciso fôra, para que ele vivesse.

Num transporte de indefinível carinho, a jovem mãe inclinou-se e beijou o doentinho nos lábios, com o júbilo de quem osculasse um anjo celestial. Vi, surpreendido, que numerosas centelhas de luz se desprendiam do contacto afetivo entre ambos e se derramavam sobre as duas entidades inferiores; estas, de sua parte, se inclinaram também, como que menos infelizes, perante aquela nobre mulher que mais tarde lhes serviria de mãe.

Calderaro tocou-me de leve o ombro e informou:

— Nosso trabalho de assistência está findo. Vamo-nos.

E, indicando mãe e filho juntos, concluiu:

— Examinando essa criança sofredora como enigma sem solução, alguns médicos insensatos da Terra se lembrarão talvez da "morte suave"; ignoram que, entre as paredes deste lar modesto, o Médico Divino, utilizando um corpo incurável e o amor, até ao sacrifício, de um coração materno, substitui o equilíbrio a espíritos eternos, a fim de que sobre as ruínas do passado possam irmanar-se para gloriosos destinos.